Preliminares ao estudo da mónada, da fibra e do icto anímico

A chama e o órgão

preliminares ao estudo da mónada, da fibra e do icto anímico

The flame and the organ. Some preliminaries for the study of the monad, the fiber, and the staminal ictus

Manuel Silvério Marques

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/2028>

DOI: 10.4000/cultura.2028

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 2 Dezembro 2013

Paginação: 177-208

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Manuel Silvério Marques, « A chama e o órgão », *Cultura* [Online], Vol. 32 | 2013, posto online no dia 12 fevereiro 2015, consultado a 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/2028> ; DOI : 10.4000/cultura.2028

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 Maio 2019.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

Preliminares ao estudo da mónada, da fibra e do icto anímico

A chama e o órgão

preliminares ao estudo da mónada, da fibra e do icto anímico

The flame and the organ. Some preliminaries for the study of the monad, the fiber, and the staminal ictus

Manuel Silvério Marques

NOTA DO AUTOR

Trabalho desenvolvido no âmbito dos projectos “O conceito de natureza no pensamento médico-filosófico na transição do século XVII ao XVIII” (The concept of nature in the medico-philosophical thought at the transition from the XVIIth to the XVIIIth century) PTDC/FIL-FCI/116843/2010 e Acção Integrada Hispano-Lusa *El surgimiento de la ciencia moderna en Europa: G. W. Leibniz*.

Obras utilizadas: Leibniz, *Monadologia e Discurso da Metafísica* (trad. A. Novais Machado), Coimbra, Casa do Castelo, 1947; *Novos Ensaios Sobre o Entendimento Humano*, trad. Adelino Cardoso, Lisboa Colibri, 1993 (aqui NE); Ezequiel Olazo (Ed.), Leibniz, *Escritos Filosóficos*, Buenos Aires, Charcas, 1982.

(...) As delicadas emoções dessa idade podem, num único momento de entrega, inflamar o mundo inteiro, ainda pequeno, pois não têm qualquer finalidade, nem a possibilidade de fazer acontecer seja o que for: são apenas um fogo sem limites (...). Musil, *O Homem sem qualidades*. Lisboa, Dom Quixote, 2008, trad. João Barrento: 388
(...) Dei-me conta, além disso, de que esta percepção da percepção ocorre também sem caracteres. E assim também com a memória, pois recordar é perceber a percepção ou sentir o que já se sentiu, como diz Hobbes. Não consigo ainda

explicar estes diferentes golpes do espírito [ictus animi], nesta contínua reflexão recíproca (...). Eles parecem ser produzidos pelo sentido que discerne no âmbito da intenção corpórea. (...). Leibniz. Da Reminiscência e da Reflexão da Mente sobre si Mesmo, trad. Nuno Ferro, Cadernos, CEF, UNL, 2008: 33-5

(...) também as percepções notáveis vêm por graus daquelas que são pequenas demais para serem notadas. Julgar de outro modo é conhecer restritamente a imensa subtileza das coisas, que envolve sempre e em toda a parte o infinito actual.

NE: 31

Introdução: objecto, objectividades

- 1 Bernardino Orio de Miguel, em Leibniz, *Crítica de la razón simbólica*, ocupa-se no penúltimo capítulo com “Continuidade biológica” e nos parágrafos finais, desafia-nos com uma série de interrogações: “por que razão a dinâmica de Leibniz é circular?”; “porque é que a continuidade é uma estrutura ontológica do ser e não meramente um instrumento heurístico da invenção?”; “porque é que o cálculo infinitesimal é um símbolo da actividade das substâncias e dos corpos?”; “porque há analogias de analogias *in infinitum*?”; para Leibniz, a *expressão* que liga todos os níveis, terá sido apenas “um compromisso socialmente correcto, que oculta a noção do símbolo” e que murmura “o dentro é o fora, o fora é o dentro”,¹ num movimento sem fim numa superfície de Moebius.
- 2 Do ascensor às estruturas expressivas verticais e horizontais de Leibniz, faço-me convidado para a casa de Bernardino Orió, na “combinatória”, na “gramática filosófica” e na filosofia natural da época barroca. Ao calor do fogo desse Lar espero achar novos meios de problematizar as bases da medicina daquele tempo e conseguir um “passaporte” para o estudo de mónadas, forças, fermentos, fibras, órgãos, glândulas, ictos anímicos e seus próximos...² Opto por deixar cair temas pregnantes como análise de sistemas e biocognitivismo, “*materia signata*” e códigos, conjuntos fractais e pensamento categorial, informação posicional e geometria do tempo biológico, máquinas boltzmannianas e possibilidade.³ Terei também de excluir temas outrora incontornáveis como forma substancial e enteléquia; isto é, omito a definição rigorosa do objecto principal: a mónada. Para documentar e “arrumar” o efeito desta elisão, refiro a filosofia do organismo de H. Driesch e a obra “neotomista” *D’Aristôte à Darwin et Retour*, de Étienne Gilson. O grande biólogo do desenvolvimento e experimentalista, Hans Driesch, defendia a noção de enteléquia, justamente a partir da pluripotencialidade celular e do fenómeno do “campo morfogénico” embrionário.⁴ Recondizia a teoria, com solidez, ao cálculo vectorial (vectores de sabor leibniziano, não fenomenalizados, oriundos directamente da *entelequia*) tomando a espacialidade como fracção (sic) do real, pelo que associa à sua “divisão”, isto é, à possibilidade de fractura da totalidade ou da unidade – entenda-se, na linguagem actual, de equações de reacção-difusão, de rupturas de simetria, de efeitos de parede, etc. –, à degradação do real/Eu, isto é da enteléquia aristotélica e, notavelmente, à génese (e causa) da... *dor*.⁵ Driesch acrescentava que este raciocínio é aplicável a outras regiões como a matéria, o tempo e a causalidade.⁶ Etienne Gilson desafia-nos com uma questão de

puro sabor aristotélico: por que razão os modernos, são cegos e/ou indiferentes à finalidade no concerto da natureza?⁷

- 3 Proponho-me aqui estudar o que foram o iatromecanismo e o mecanicismo (ou corpuscularismo, aqui não especificamente tematizado)⁸ “modernos”, aspectos da noção de organismo e depois interrogar (brevissimamente) a expressão como fenómeno do corpo/alma, ou seja, da actividade autopoietica e autotética do Si.⁹ Para tal recorro à clínica (aqui sobretudo à história da *patologia* mental e do inconsciente) por me parecer um manancial de pedras de toque.
- 4 É aceite que nem os métodos de colecção e classificação nem os processos lógicos de dedução, indução e abdução (ou seja, a retrodução ou inferência para a melhor explicação) são, estritamente falando, estilos de pensamento científico, mas mecanismos cognitivos universais que lhe estão subjacentes e que trabalham as imagens, as alucinações, os perceptos, as representações científicas... É, por outro lado, notável a heterogeneidade e, ao mesmo tempo, o ar de família dos objectos canónicos, dos argumentos e das experiências concretas (aqui omitidas) de um químico-físico experimentalista como Boyle ou de um anatomista mecânico como Malpighi, que contribuíram decisivamente para a superação e esvaziamento de sentido da causalidade final e formal, da entelégia e da forma substancial. Estabelecem e reflectem a contingência e coexistência da cristalização epocal de regimes de objectividade e de prova e de variedades de conhecimento científico (sigo Ian Hacking que vai buscar os constructos de estilo e de cristalização ou intensificação do pensamento a Alistair Crombie e a Sir G.):¹⁰

Estilos do Pensamento Científico (A. Crombie, Sir G. Lloyd, I. Hacking)		
Classes de modelos	Protagonistas (exs.)	Classe de objectos de Verificação
Experimental	Geber; Boyle; Claude Bernard	Curiosa e/ou objectos experimentais
Geométrico ou matemático	Euclides; Alkharizmi; <i>mathesis</i> moderna	Diagramas (geometria) EBF hipotético-dedutivos e teóricas
Taxonómico	Sydenham; Lineu	Categorias, taxões, etc...
Histórico e genético	Herder; Darwin; Marx	Narrativas e sentidos pretéritos
Probabilístico (e/ou combinatório)	Pascal; Huygens	Eventos (expectativas) incertos/ aleatórios
“Mistos” ou híbridos (Morfologia; Epigenómica)	Goethe; Thom	Operadores, “dados”

EBF= expressões bem formadas

- 5 Onde situar os *predicamenta*, as categorias, os “objectos” destas classes de inquirição?¹¹ São articuláveis com a infinitude e a expressividade? Faz sequer qualquer sentido pensar nestes termos?¹² Sendo notório que são *relativamente* estáveis na diacronia e contínuos na sincronia, estes estilos de pensamento científico definem diversas “janelas” pelas quais a verdade se dá, busca, encontra e “reage” – em fórmulas bem formadas – a interrogações de agentes cognitivos acerca da natureza, da vida e do próprio conhecimento. Equivalem

a diferentes fronteiras entre inteligível/ininteligível, natural/artificial (e/ou não-natural, sobrenatural e/ou anti-natural), vida/morte, sólido/líquido, necessário/contingente, etc. As cristalizações desestabilizam a autoridade de primeira pessoa (contestam a atestação do agente experimentador) por via externa (descobertas científicas, etc.) ou, mais raramente, por via interna (*insight* da experiência crucial) e passam a constituir um jogo de linguagem diverso, a respeito de novas formas de vida.¹³ Tentarei mostrar por que acredito que *Monadologia* e, em geral, as ideias de Leibniz, são excepcionalmente fecundas para pensar e problematizar estas questões ainda hoje.

1. Para compreender a (imagem) mecânica do mundo

- 6 Este capítulo é um brevíssimo olhar para duas obras críticas acerca do mecanicismo, na perspectiva físico-matemática. Uma é obra de referência *Ensayos de Historia de la Mecánica*, de Truesdell;¹⁴ a outra é o clássico *Philosophy of mathematics and natural science* de Hermann Weyl.¹⁵ Limito-me apenas a dois ou três apontamentos que interessam o estudioso de Leibniz e dos múltiplos enredos de “envolvimento do infinito no finito”.¹⁶ Efectivamente, Truesdell pensa como Duhem que a “(...) a história da mecânica racional não é nem experimental nem filosófica: é matemática; é uma história de problemas muito particulares, de exemplos muito concretos para os quais houve que criar novos princípios e novos métodos (...)”.¹⁷ Afirmando que “Descartes e Leibniz propuseram leis do movimento que se podem considerar antecessoras dos princípios de conservação do *momentum* linear total e da energia total”, respectivamente,¹⁸ reclama a adjacência e separação dos campos disciplinares, pois se a “mecânica é a ciência dos movimentos e das forças, a termodinâmica é a ciência das forças e da entropia.” A respeito de Newton adverte que a hipótese 3 da segunda edição dos *Principia*: “Todos os corpos podem ser transformados em corpos de qualquer outro tipo tomando sucessivamente todos os graus de qualidades intermediárias”, se identifica à lei da continuidade de Leibniz. Truesdell nota que, mesmo depois de qualificada por Newton, tal hipótese foi rejeitada por Euler.¹⁹ Acerca do princípio de conservação do *momentum* linear de Descartes, que é “um filósofo sempre depreciativo para os casos particulares”, Truesdell compara-o com o de Leibniz, “sempre partidário dos problemas particulares”, o introdutor dos conceitos força viva e força morta. “A força morta é a antiga força de posição, já conhecida pelos escolásticos e hoje chamada energia potencial.” A força viva é igual a mv^2 – justamente o dobro do que chamamos energia cinética ($mv^2/2$); segundo Leibniz, à perda de força morta corresponde um ganho de força viva. Com estas ferramentas, Descartes e Leibniz poderiam resolver genericamente, ou seja, aplicados à totalidade do sistema, os problemas que Newton pusera.²⁰
- 7 Notavelmente, e em torno das “reações da mecânica do barroco tardio aos êxitos, conjecturas, erros e fracassos contidos nos *Principia* de Newton”, o físico e historiador da mecânica assinala que Newton descurou três capítulos fundamentais da mecânica, a saber: (i) os corpos rígidos (rotação, pêndulo...), (ii) os corpos flexíveis (cordas, catenárias...) e (iii) os corpos elásticos (estudos de Leibniz, 1684, sobre a matemáticas de cargas, corpos ou massas esforçadas, “aplicando pela primeira vez o cálculo integral a problemas de forças de contacto”).²¹ Por seu turno, Hermann Weyl, em *Philosophy of mathematics and natural science*,²² convoca-nos para temas meta-matemáticos e metafísicos. Segundo o insigne discípulo de Hilbert, Newton redescreve a extensão (cartesiana) como substância própria dos corpos – uma tese que Platão subscreveria e

interpretaria com a teoria do receptáculo (*sic*) –, e, a respeito da gravitação, *supondo* o espaço e o tempo como absolutos, o *sensorium Dei*. O referencial aqui-então (*here-thus*) reconfigura a descrição do mundo que, em termos Hilbertianos, é conforme a uma teoria do campo representada pelas coordenadas do espaço e do tempo, logo pelas variáveis de estado (*state quantities*). Ora, e é isso que quero salientar, na versão adoptada por H. Weyl, entre a ideia ou modelo (*pattern*) eterno e a imitação, o *receptáculo* é “como a matéria plástica, pronta para apanhar qualquer impressão no espaço”, inacessível aos sentidos, insusceptível de predição, mas garante um lugar a tudo o que devém (*comes into being*).²³ Notar-se-á que a mesma força plástica foi tematizada muito diversamente pelas várias autoridades. D. Cudworth e os platonistas de Cambridge por um lado, por outro, iatromecânicos como F. Hoffmann e Leibniz. Para o filósofo de Hanôver, “essa força plástica é ela própria mecânica e consiste numa pré-formação e em órgãos já existentes, que forma os únicos capazes de formar outros órgãos (...). Quanto aos átomos, admito-os, se forem considerados como corpúsculos de uma imensa pequenez; mas se forem tidos por corpúsculos infinitamente duros, não os admito, dado que a matéria é plástica ou orgânica em todo o lado (...) tal como não poderia suportar o vazio, que repugna à regra segundo a qual todas as coisas são feitas da melhor maneira possível.”²⁴ Tal virtude ou força plástica, para utilizar uma imagem, opera mais como “sucubadora” pré-biótica (perdoe-se o barbarismo) que como incubadora de formas vivas. Estamos no âmago da teologia e da filosofia naturais.²⁵

- 8 Weyl, um eminente académico, além de excelente matemático, avança que as “(...) ciências da natureza (*natural science*) tal como concebidas por Galileu tiveram, antes de tudo o mais, que expurgar a metafísica de formas substanciais. Leibniz reintroduziu-as através das mónadas, mas fê-lo, todavia, sem querer abandonar a nova modalidade ‘mecânica’ de explicação”, isto é a filosofia corpuscular. Só a mónada é substância. Não existem partículas materiais nas quais a mónada não esteja presente: “não importa se designamos este princípio como ‘forma’, ‘enteléquia’ ou ‘força’”. “(...) A essência da mónada ele vê-a como uma lei (...): “que uma certa lei persista e que seja concebida como idêntica, tal facto constitui a identidade da substância”.²⁶ Verificar-se-á que o atomismo de Leibniz é monadológico, quase apetece dizer desquantificado ou “des-quântico”. Não nos surpreenderá, portanto, que Gilles Chatelêt, um matemático e filósofo francês (insuspeito de simpatias idealistas e espiritualistas), nos proponha que a teoria de Leibniz da “equivalência entre força e abstracção, suscita como que uma matéria sensível na geometria”.²⁷ Matéria química, plástica, hidráulica, pneumática e pirotécnica.²⁸
- 9 Veremos que tal como o corpuscularismo ou atomismo de Boyle ou de Newton se revelaram incapazes para explicar os fenómenos e as leis de afinidade química, assim também os movimentos e as leis da mecânica se revelarão necessárias mas insuficientes, para dar conta cabal da formação, desenvolvimento, metamorfose e fisiologia de plantas e animais... sem nelas integrar o modo morfológico (comparatista, “goethiano”) de pensar as teorias a haver, como as teorias da célula (segundo quartel do séc. XIX) e da informação posicional (segunda metade do séc. XX).²⁹ O exemplo canónico deste fracasso é a teoria da pré-formação. Foi precedido pelo erro colossal da teoria fibrilar do corpo (também dita filamentar ou fibrosa) que impediu os microscopistas de identificar as células sob as suas lentes. Deixarei cair aquele.
- 10 Guido Giglioni num interessante artigo acerca das forças vivas segundo Haller, chama a atenção que, para o fisiologista, a fibra é um objecto invisível, um postulado experimental de causa desconhecida, tal como a gravidade o é em relação à matéria (a analogia é do

próprio Haller); por seu lado a sua propriedade específica, a irritabilidade, não depende da acção de fibras, mas de uma espécie de *vis insita* do glúten e o nervo (a fibra nervosa) é a única parte do corpo dotada por si própria de sensibilidade; mas um autor tão escrupuloso como o médico de Berna, mais tarde, no artigo para o suplemento da *Encyclopédie*, terá de assumir as dificuldades que tem em determinar e definir o conceito plural de força (física e fisiológica), reduzindo-a a três tipos: morta, irritável e nervosa, sendo a primeira o fundamento das outras.³⁰ Ora é sabido que a força viva é o cerne, o núcleo, do sistema de Leibniz, como Juan Nicolás tem sublinhado no aprofundamento da sua proposta da “individualidade sistémica” segundo Leibniz.³¹ É esta heterogeneidade e ausência de nexos nas teorias dos médicos-filósofos e o *nisus* ou, melhor dito, o *nomos* fundacional no pensamento dos filósofos-médicos, que nos cabe investigar. O ponto onde se cruzam é a ideia de organismo, nascido da controvérsia entre Leibniz e Stahl.

2. Organismo e expressão

2.1.

- 11 Pretendo mostrar que a construção do conceito de organismo envolveu uma arquitectónica “computacional” (*avant la lettre*) disjuntiva (modular) e auto-organizada (autopoiética e autotética) e implicou vários dos estilos de ciência acima indicados; sensibilidades, categorias, escolas e ideologias médicas são mais permeáveis ou menos estanques do que se julga.³² Como escrevi noutras ocasiões, creio que a inspiração secular e literata, a perspectiva analógica, indicial ou indiciária, expressiva, semiótica, sintomática – isto é, o ponto de vista clínico e pragmático –, foram decisivos na conciliação “natural” entre mecanismo e organismo.³³
- 12 Começo pela célebre controvérsia entre Leibniz e Stahl. O primeiro, apoiando-se francamente em Boyle, diz a certo passo que “cada organismo é, de facto, um mecanismo (...) e os corpos orgânicos naturais são, na realidade, máquinas divinas” mas, insiste, não quer “renunciar ao célebre decreto dos modernos que estabelece, a justo título, que nada ocorre no corpo que não seja por razões mecânicas e, por isso, inteligíveis”.³⁴ Como determinar e entender o papel do mecanicismo robusto e “ex-aptativo” (para empregar o termo de S.J. Gould) de Leibniz? Julgo que nos ajudará um olhar à volta para procurar a resposta nos sistemas médico-filosóficos da época. Seleccionei três: Glisson, F. Hoffmann e Boerhaave.
- 13 A teoria do anatomista, iatroquímico e investigador do raquitismo e do estômago, Francis Glisson, apresenta-se como um ponto de ataque conveniente. O médico e filósofo de Cambridge postulou a existência de uma *vis* ou *robur insita* ou irritabilidade no vivo e uma original e pregnante faculdade (vital) – a percepção natural –, que, há razões para o afirmar, terão influenciado Leibniz. Recorrendo a imagem consagrada do corpo, o lenho em fogo, Leibniz explicita a noção de mecanismo na sua réplica contra o vitalismo de Stahl, inspirado na analogia recursiva e vitalista da chama.³⁵ Esta filosofia da vida não é incompatível com a ideia (neo-aristotética) de força e de agência (actividade, consecução ou acção) natural, e nesse sentido transporta ainda, como se verá adiante, vestígios do vitalismo *espontâneo*.³⁶ Guido Giglioni, um dos maiores conhecedores das obras do médico do *Tratado do Raquitismo*, di-lo: “(...) As bases da percepção natural, uma função vital originária, assentam na estrutura auto-representativa da substância: a substância, estando intimamente perfundida pela sua própria faculdade perceptiva, evidencia um

modo de auto-conhecimento e de conhecimento das suas causas e efeitos. (...)”.³⁷ Tratando-se de uma substância simples, a matéria glissoniana é também uma estrutura auto-representativa (*objectiva ratio sive idea suiipsius*), uma ideia de si, auto-correlata, co-existente e contemporânea. A percepção natural é a fundação metafísica e cosmológica do “sistema” médico-filosófico de Glisson, sublinham G. Giglioni e A. Cardoso.³⁸ A vida na matéria radica, essencialmente, em um princípio interno de percepção, apetite e auto-cinése. Glisson sustenta, contra a perspectiva mecanicista da sua época, que a explicação da origem de tal princípio vital “não está em qualquer força externa, movimento ou repouso, textura, esquematismo ou estrutura orgânica, proporção ou relação entre as partes”. Afirma Glisson, a “percepção primária e simples é acção imediata da vida substancial, quer dizer, a faculdade de percepção primária está imediatamente amarrada à vida, à natureza da substância energética; apenas Deus a pode dar por criação ou tirar por anulação”; Guido Giglioni sublinha, de resto, que o fruto da meditação solitária do médico F. Glisson em torno da natureza e da vida, em *De Natura Substantiae Energetica*, foi impresso em 1672, quando o naturalismo vital(ista) era tido como retrógrada heresia.³⁹

- 14 Friedrich Hoffmann é outro caso exemplar. Emérito correspondente de Leibniz, defendeu um influente sistema médico mecanicista, cartesianamente centrado no sangue e na sua circulação; cooptou ideias cartesianas e ideias corpusculistas, bem marcadas em *Fundamentos da Medicina*, Livro I, Fisiologia, Cap. 3, “Da Saúde, vida, proporção e natureza”: “(i). O nosso corpo é como uma máquina ou autómato cujos órgãos variam em forma e dimensão e estão disposto e construídos numa posição e ordem particular. (...)”; “(ii). As partes do corpo são sólidas e fluidas (...)!; “(vii). A vida resulta de causas inteiramente mecânicas. A mente não dá vida ao corpo, nem a vida é orientada para a mente, mas para o corpo. (...)”.⁴⁰ O historiador Paul Hoffmann, salienta que nele “a ciência do vivo é uma fenomenologia transformada em sistema no qual se coibiu de usar entidades nominais e animistas, como alma, sujeito, intencionalidade e inteligência”. No entanto, este médico foi um anatomista mecânico ou harveyano, para quem a origem do movimento é o éter helmontiano (criado pela divindade), matéria subtil que penetra os corpos.⁴¹ Existirá, na origem do sistema de F. Hoffmann, uma indecisão entre a alma triuna de Galeno e o dualismo de Descartes, manifesta na *conspiratio* “maravilhosa” entre o sangue e a *mens*, de forma que a desordem de um se comunica ao outro. Enfim, para o médico pessoal de Frederico I, a doença é “uma variação do movimento das partículas”.⁴² Com Descartes e Boyle, Hoffmann foi das figuras que mais marcou Boerhaave, o “Preceptor da Europa”, considerado o patrono da moderna medicina hospitalar (ou seja, à cabeceira do doente): médico, botânico, químico, físico, foi docente em Leiden, a mais prestigiada Escola do seu tempo.⁴³

- 15 De Boerhaave temos notícia directa pela pena do reformador dos estatutos da Universidade de Coimbra e médico da Corte russa, Ribeiro Sanches (seu prestigiado discípulo e par, um estrangeirado das Luzes e um dos grandes judeus lusos da diáspora): “(...) Boerhaave (...) que meditara nos princípios destas partes; e que achara que o primeiro de todos, eram as fibras: que estas fibras examinadas pela química constavam unicamente de matéria terrestre e de óleo animal. E que deste modo começara a tratar este Aforismos, como ensina a Geometria. (...) O nosso corpo consta de fibras ou fios: no princípio da sua formação todas as partes são líquidas, de que consta a matéria seminal (...), logo é necessário primeiro conhecer o que é uma fibra ou o fio do corpo humano; e a sorte de enfermidades a que está sujeito (...)”./ “(...) Considerou Boerhaave, no exterior do nosso corpo os danos que lhe causam os corpos agudos (...) movidos com violência;

mostrou de que modo obrava a natureza para curar-se (...). Mas agora, aumentando este conhecimento tão claramente entra a tratar lesões externas do nosso corpo, mas geradas de causa interna. Esta é a inflamação, que nós chamamos fleimão (...), são os abscessos ou supurações, as gangrenas, os cirros e os cancros./ Nesta doutrina se contém toda a Ciência da Medicina. Nela se contém aquela *Catena aurea* onde cada anel serve de inteligência ao seu vizinho (...).⁴⁴

- 16 Esta combinação de objectividades mecanicista e morfológica, sob a forma de fios, roldanas, cabos e amarras – a sê-lo –, esta pluralidade de sistemas racionais (e mencionei apenas três de uma longa lista) suscita um conjunto de problemas acerca das fundações da medicina e da natureza epistémica do acto médico. Para o problematizar destaco dois problemas que se repetem nestes diversos regimes de inquirição, objectivação e demonstração,⁴⁵ ora mais inclinados para a iatromecânica ora para iatroquímica, regimes, que – com as futuras tecnologias de medida (aparelhos como barómetros, termómetros, balanças, microscópios, telescópios, etc.) – irão dar o contributo decisivo para tematizar rigorosamente as ciências da vida e, uns séculos mais tarde, para manipular programadamente a vida humana, na saúde e na doença:
- 17 (i) qual o estatuto das entidades teóricas em ciências da vida (como matéria, enteléquia, força, expressão, fibrila, sintoma, sinal, pirexia, histeria, contágio, organismo, flogisto, átomo, molécula, etc.);
- 18 (ii) qual o estatuto dos instrumentos: serão apenas meios de “amplificação” sensorial, experimentação e medida, ou veras *philosophical tools* e máquinas nomológicas (à maneira da escola de Nebraska)?⁴⁶

2.2.

- 19 Proponho o seguinte quadro (esquemático e meramente alusivo) como uma aproximação à genealogia equívoca daquelas “regiões” da historiografia da ciência e da medicina (e respectiva filosofia) dos modernos:

Atitudes ontológicas e entidades teóricas (um exercício interdisciplinar a partir da multi-dimensionalidade dos dados ou dos “factos”*)				
	Aristóteles	De Sydenham a Boerhaave, etc.	Boyle-Newton	Leibniz
Estrutura do cosmos	<i>Plenum</i>	Ordens “regionais”	<i>Vacuum</i> & átomos existem	Arquitectónica monadológica
Estabilidade	<i>Motu</i> perfeito (círculo)	Geração com corrupção	Local; Global: gravitação	Eterno Retorno
Lei geral	<i>Sumpnoia panta</i>	<i>Sumpnoia panta</i>	Mecanismo & “deus-relojeiro”	Princípios da Harmonia P-E e do Melhor
Espaço e Tempo	Absolutos	...corporais e “mentais”	Relativos; <i>sensorium dei</i>	<i>Spatium</i> e <i>tempo</i> locais
Ontologia (<i>physis</i>)	<i>Praeter-naturais</i> , etc.	Ontologias “regionais”	Naturais e ... artefactuais	Entre-expressão de autómatos <i>ad inf.</i>
Logos da saúde/doença	Isonomia hipocrática	Isonomia; <i>vis medicatrix naturae</i>	Fim da <i>vis medicatrix naturae</i> ?	Auto-organização & <i>vis viva</i> (Glisson?)
* multi-dimensinalidade: Sir Geoffrey Lloyd, <i>Cognitive Variations</i> . Oxford, Oxford Univ. Press, 2007, p. 174				

- 20 Na perspectiva da contemporaneidade, julgo que devo salientar, no âmbito deste trabalho, um conjunto de problemas activos: (i) A individuação e a expressão (ou entre-expressão); (ii) O desenvolvimento e morfogénese; (iii) A informação e auto-regulação –

ou comunicação e controlo (integração, unidade, a-centralidade..., acção, decisão, percepção, memória, jogo, comportamento); (iv) O organismo como “foco”, a organização e o estruturalismo biológico (propriedades locais ou globais e infinitude, reconhecimento, memória, tolerância, identidade e unidade “no” sistema imunitário; reacções complexas, codificação, *plots*, imagem, emoção, etc. nos sistemas endócrino e nervoso).⁴⁷ Como disse no início, interessa-me principalmente a questão da expressão, não do ângulo da recepção “fisiognómica” mas da produção (de figurações, padrões, sintomas ou sinais): o ponto de vista holístico, a síntese passiva, o mais do menos.

- 21 Obter o mais do menos, é dizem-nos, outro legado notável da teoria de Glisson: a noção de que os músculos contêm “em armazém” energia que é activada por eflúvio ou incitação (ou actividade do nervo motor) aferente. É completamente inovadora a ideia de que uma *pequena acção* pode desencadear uma *grande força* e esse é o significado essencial da irritabilidade, associada à *robur* ou *vis insita* da fibra muscular. Leibniz, num capítulo das suas primeiras notas médico-fisiológicas “Como é que o animal pode ser incitado a agir por (estímulo de) objectos externos ou internos e pelos órgãos dos sentidos”, conclui que “*ab exigua causa magnus oritur in animal motus*” tal como quando se abre a torneira e sai um forte jorro de água, ou quando a chama do rastilho atinge a pólvora.⁴⁸ Constatou-se muito depois que o mecanismo de propagação do influxo nervoso se baseia no mesmo tipo de fenómeno que a despolarização e activação do músculo.⁴⁹ Está, evidentemente, em causa, a reacção química (tipificada em fenómenos de explosão, fermentação e ebulição) e o modelo ou representação do corpo fibroso ou fibrilar e o seu culminar na teoria do “corpo nervoso” na doutrina médica de William Cullen.⁵⁰ A sua posteridade a nível cultural e ideológico está bem documentada: a ciência de Glisson, Borelli, Willis, Malpighi estimulou a filosofia de Descartes, Locke, Malebranche, etc., e não ao contrário, e esta evoluiu para uma nova imagem do corpo e uma nova configuração do discurso que iria gerar uma revolução transcontinental na literatura, desde um Richardson a um Herder. Tal homem nervoso, antepassado do “homem neuronal” de personalidade neurótica, “assumiu proporções míticas, no tempo de Byron e de Valéry”,⁵¹ levando-nos à lobotomia, às lavagens ao cérebro, aos “cérebros electrónicos”, à robótica e... à inteligência artificial.
- 22 Subtil e difícil é a questão da expressão, o “tecido conectivo” do pensamento monadológico, como bem se sabe. A *Philosophie de la Expression* de Giorgio Colli⁵² não é iniciação fácil ao tema. Dá-nos, o classicista e editor da obra de Nietzsche, a seguinte aproximação à noção de expressão: entendo por expressão uma representação à qual se subtrai a relação de perspectiva de um objecto por um sujeito (o ponto de mira e o ponto de fuga), ficando reduzido por conseguinte a uma coisa bem simples, a saber, a revelação de outra representação ou de outra natureza (pense-se em projecção ou escala diversa, mapa de mapa, imagem de imagem, etc.); vendo-se que a expressão reenvia a um desconhecido e a um outro, sucessivamente.⁵³ Obtém-se assim uma série ou uma rede representativa, uma entre-expressão, à maneira de Leibniz, cujo *terminus ad quem* são os *minima naturalia* (os infinitamente pequenos) e os infinitamente grandes? Daqui viriam duplamente, a pobreza, a carência, a insuficiência e a degradação, tudo aquilo que a expressão (a rede representativa) manifesta; mas existe conjuntamente o excesso monádico, o oposto na expressão: “uma representabilidade acrescida, um ganho”, para o qual é expresso um alargamento em relação às formas e às dimensões da aparência para atingir uma esfera ascendente de abstracção.⁵⁴ Qualquer organismo ou “super-organismo”, mais que um agregado de partículas ou que um misto, é um aberto, uma

interioridade, uma colônia mais ou menos a-centrada ou mais ou menos centrada (pense-se no ciclo de vida e na migração das amibas acrasiais do *Dyctiostelium discoideum*).⁵⁵

- 23 Ainda Colli: “(...) Para explicar o fenómeno do organismo não se requer qualquer concepção finalista. Um conjunto de pontos de imediatidade, através de outras tantas séries expressivas, reúne-se finalmente num “foco” (*foyer, focarium*, centro ou casa) que é a representação de um organismo. Assim a unidade orgânica não está implicada na esfera da imediatidade, mas pertence totalmente à representação e constitui-se através da conversão de um grande número de séries em uma única expressão final que se resolve precisamente no organismo enquanto composto unificado de expressões. O homem enquanto organismo, constitui um exemplo de uma tal convergência expressiva. Em regra geral o *principium individuationis* não entra na natureza extra-representativa e não vem de ela, mas é apenas um aspecto da estrutura da representação, ou, para ser mais preciso, um aspecto da estrutura convergente das séries expressivas (...).”⁵⁶ (Este apontamento, é um convite à discussão da obra de Colli).
- 24 O paralelismo leibniziano corpo-alma, a conformidade organismo (ou órgão dos sentidos) e (a) percepção – tenho que deixar cair importantíssimas determinações – supõe que as leis de uma e outra região “ontológica” operam de modo autónomo e em harmonia (pré-estabelecida), “pois são representações de um mesmo universo”.⁵⁷ Este recuo – ou *mise en abîme* – impele Leibniz a desenvolver uma interessante teoria acerca da causação. Partindo do paralelismo psicofísico chegará a uma posição de compromisso: “(...) às causas internas dos acontecimentos corporais, quer dizer da matéria e da forma, ou ainda da massa e da entelêquia, se juntam causas tão eficientes quanto finais. (...)”.⁵⁸ Rejeita, por isso, o filósofo de Hanôver, a posição dos epicuristas e seus seguidores que negam as causas finais, e que dizem que os olhos vêem o visível em resultado do acaso, sendo a visão um sistema adaptado *post facto* que não foi “feito” para ver...⁵⁹ O que está em questão é a noção de regularidade da natureza e a explicação de determinados fenómenos por outros do mesmo nível, logo, a legitimação da *mathesis* e do recurso exclusivo a categorias como extensão, figura, número, peso e afins. Leibniz, apesar das inevitáveis ambivalências, atém-se ao estilo de inteligibilidade científica comum a mecanicistas e corpusculistas, como Boyle, Hoffmann ou Malpighi. Tal decisão filosófica articula-se com o estatuto (ontológico do indivíduo, da mónada) e a utilização da noção de expressão, como foi corroborado por Cassirer. Este, com efeito, posicionando-se contra a noção de causalidade individual de Rickert, advogou que o conceito de expressão é fundamental para as relações individuais e para o problema da individuação nas ciências da natureza.⁶⁰ Assim, sinto-me justificado a avançar a passagens entre categorias que obedecem a uma evidente genealogia (a oposição anatomia/fisiologia), virão a ter notável posteridade (a oposição *hardware/software*) e honram os seguintes paralelismos:⁶¹

Paralelismos robustos	
Acção	Reacção
Força (<i>vis insita</i> ou <i>viva</i>)	Forma (hipótese: fibra?)
Corpos e movimentos	Almas, apetições e percepções
Disposições	Algoritmos
Causas eficientes	Fins e meios
Requisitos	Mónada ?
Gramática	Diccionário
Mútua harmonia	

- 25 A iatroquímica e a iatromecânica foram frequentemente campos complementares, praticados por irmãos inimigos, atravessados pelas oposições mais básicas como vida/morte, saúde/doença, dor/prazer, visível/invisível, etc., por polaridades hoje menos pregnantas (quente/frio, seco/húmido; fogo/ar, terra/água, sangue/ fleuma, bÍlis amarela/bÍlis negra), e marcados diversamente pelos pares líquido/sólido, geração/corrupção, acção/reacção, fermentação/putrefacção, etc.⁶² Assim se compreende que tenham infiltrado e suportado por algum tempo vários sistemas médicos incompatíveis. Estilos de objectividade, fervor da descoberta, modelos mecânicos, contextos de demonstração ou prova (por exemplo, mecanismo em contraposição a organismo, e mais radicalmente, animismo ou vitalismo), juntamente com os constrangimentos externos e as implicações “adaptativas”, explicam a pululação e a precariedade das doutrinas e ideologias médicas nos séculos XVII e XVIII.⁶³ Em que medida a corporalidade, a animalidade, a nova imagem do corpo fibroso, foram importantes ou porventura decisivos? Os melhores médicos também eram anatomistas, botânicos, químicos e “mecânicos”, pelo que algum ecletismo resultou desta mudança conceptual; todavia cada vez se realizavam mais exames e mais experiências, cada vez mais escrutinadas, quantificadas e exactas; a visualização e a reprodução gráfica de estruturas e micro-estruturas, comparativas e complexas tornava-se mais precisa, desde os filamentos do cérebro sob o bisturi de Stenon,⁶⁴ aos “micróbios” com as lentes de Leeuwenhoeck, às fibras dos parênquimas, glândulas conglobatas (ou linfáticas) e conglomeradas (do fígado ao encéfalo...) pela “ocular” e mão de Malpighi,⁶⁵ entre tantas outras. O que implicava a incessante e polémica busca de coerência explicativa, para utilizar a terminologia de Paul Thagard.⁶⁶ Consagrado Harvey, talvez Malpighi seja um dos casos mais exemplares de medicina objectivada e “experimental”: das máquinas glandulares – ao mesmo tempo um elemento central e um dos mais obscuros traços da anatomia mecanista –, à reprodução, à nutrição, à efervescência, à fermentação, etc.⁶⁷ Domenico Meli conclui a sua obra sobre Malpighi, afirmando que este, mesmo quando “importava as ‘virtudes plásticas’ de Boyle, defendia um programa sistematicamente mecanicista” em todas as áreas e escalas da anatomia, incluindo na clínica, procurando compreender os mecanismos normais e patológicos (e prova-o bem a obra de Morgagni, seu dilecto “filho”).⁶⁸ Daqui o esquema que formulo da hermenêutica do sintoma (da expressão sintomática) na medicina do barroco e das Luzes:

O triângulo hipocrático: médico, doença e doente

- 26 A temática por resolver mais fecunda e interessante releva, naturalmente, da heterogeneidade da *vis nervosa* e da natureza do espírito: Haller advertiu que a química introduzira uma “barreira” definitiva, bem formulável pela dualidade intrínseca do primeiro princípio activo, a chama/luz. Assim, temos por um lado, na interpretação sedutora de Georges Canguilhem, a centralidade da flama, do fogo e do ar, partilhados por Descartes, Berkeley e Willis, e por outro, a centralidade da *lux*, do éter, quiçá do *pneuma*, partilhado por Newton, F. Hoffmann e por Haller, o que virá a ter implicações na explicação da fisiologia do movimento muscular, da irritabilidade, da sensibilidade e da reactividade (ou contractilidade).⁶⁹ Há quem defenda que, na história do Ocidente, o passo decisivo para a discussão científica das relações corpo-alma, foi a omissão do... corpo (mais que a culpa e a repressão). Mas com o cartesianismo impôs-se a questão do movimento “reflexo” e a sua relação com os automatismos animais e com o movimento voluntário. Sem poder entrar aqui nesta fascinante história, recordo a obra de G. Canguilhem acerca da teoria do reflexo nos séculos XVII e XVIII. Por aí se vê que Descartes não inventou uma teoria do (arco nervoso) reflexo, mas apenas expôs uma mecânica de reflexão (por analogia com a imagem no espelho?), pois a sua teoria da *res extensa* (e, correlativamente, da *mens*) operaria como um obstáculo à aplicação da ideia de movimento circular do sangue (que Descartes perfilhava), à dos fluidos ou *espíritos* entre nervos e cérebro (como se observa nos desenhos nos seu *Traité de l’Homme*, que não são, bem entendido, da sua autoria).⁷⁰ Ao contrário, com Stenon, os iatromatemáticos e/ou iatromecânicos italianos, Santorio, Borelli, Malpighi, Baglivi (e não só) admitiram a existência de um suco nervoso em movimento de vaivém e compreenderam a circularidade dos “sinais” nervosos.⁷¹ Serão os efeitos e as expressões individuais desta a circulação que me ocuparão no próximo capítulo, para terminar com uma “respiração” e argumentação clínica.

3. O icto

3.1.

- 27 É sabido que *ictus* ou *icto* significa golpe, batida, batimento, pulsação, espasmo, paroxismo, ataque, acesso... Não deixa de ser surpreendente que tal “conceito-piparote” ainda ocorra na definição na teoria da alma de Herder⁷² e na definição da lipemania (ou melancolia), proposta por Esquirol: “(...) o espírito, como o cérebro, está, passe o termo, num estado tetânico, e apenas uma comoção física ou moral forte consegue fazer cessar tal espasmo (...)”.⁷³ Depois da investigação comparada de S. Kuriyama e de outros entre as medicinas chinesa e grega não será novidade que a muscularidade, a virilidade, a volição, o Eu agonístico ou hiperbólico (?) fazem parte do *ethos* Ocidental (em concerto, no passado religioso e cultural do Oriente, não se terão amalgamado e generalizado), a ponto de W. Reich deduzir o carácter expressivo a partir de investigações (da experiência) do corpo crispado, tetânico, “couraçado”, isto é, das emoções (de prazer e aproximação) e das “remoções” (de dor ou desprazer e evitamento)!⁷⁴ Neste capítulo retomo aspectos da questão da animalidade, partindo de *Monadologia* #25.⁷⁵ O ponto de chegada será o pensamento médico-filosófico sobre a alienação mental.
- 28 Assim, irei sondar uma indicação de Ian Hacking: devido aos esforços de Descartes, Leibniz e outros, o *conatus* dos corpos em movimento converteu-se em dois conceitos vazios de sentido finalista, o momento e a energia cinética; o que permitiu a Hume desantropomorfizar a causa e o *conatus*.⁷⁶ Sem embargo, parece-me necessário, para compreender na sua *alteridade*, na sua linguagem, a pessoa perturbada, re-humanizar ambos, *conatus* e... causalidade (aqui também causa mental ou razão psíquica); ou compreender, interpretar, é irrelevante e eventualmente nocivo (e há quem o pense). Apenas foco aspectos de índole historiográfica (conceptuais e nosológicos) da disfunção mental. O nexos positivo que os liga é uma máxima leibniziana, a saber, “Diz-me porque ages assim”, “Di por qué obras ahora”, “*Hic cur hic*”, algo que insanos, ébrios e os que dormem estão impedidos de responder por estarem (temporária ou reversivelmente) privados da faculdade reflexiva.⁷⁷ Trata-se de uma injunção apenas aplicável a agentes morais imputáveis: exclui animais (a sê-lo), menores, situações de perdas de consciência e indivíduos sob coacção...
- 29 É esta a ocasião propícia para apresentar a célebre teoria das pequenas percepções ou percepções confusas, exemplificadas no marulho das ondas do mar: “há em nós a cada momento uma infinidade de percepções, mas sem apercepção nem reflexão”, podendo dizer-se “que em consequência dessas pequenas percepções o presente está grávido de futuro e carregado de passado”, que tudo conspira e “que na menor das substâncias, olhos tão penetrantes como os de Deus, poderiam ler toda sequência das coisas do universo”.⁷⁸
- 30 Ora a dor, como modo *princeps* de auto-afecção, é a prova de que mesmo na *tabula rasa* e no lenho virgem pré-existem marcas de um Si, de um sofrimento (ou, no cessar, no pólo oposto, de uma fruição) de um corpo vivido ou subjectivo que é sem objectividade e não carece de objectivação. Nos *Novos Ensaios*, Leibniz tematiza elegantemente a diferença entre o apetite e a fome do corpo, “(...) pois quando a irritação se torna demasiado forte, ela incomoda, de maneira que é preciso aplicar ainda aqui a nossa doutrina das percepções excessivamente pequenas para poderem ser aperceptíveis, porquanto se aquilo que se passa em nós quando temos apetite e desejo crescesse muito, causar-nos-ia

dor. (...). É de notar que “(...) a natureza nos deu o acicate do desejo, sob a forma de rudimentos ou elementos da dor, ou, por assim dizer, semi-dores ou (se quereis falar abusivamente a fim de que a expressão seja mais vigorosa) pequenas dores imperceptíveis, a fim de que gozássemos dos atractivos do mal sem sofrer o incómodo respectivo (...)”.⁷⁹ Danie Heller-Rosen adverte que, na tradução de Pierre Coste dos *Essays* de Locke (datada de 1700, edição que Leibniz possuía), é utilizada a expressão *aiguillons* (por *thorns*) do desejo: é com, por e sobre estes espinhos, acicates, agulhões ou “esporas” que a teoria leibniziana do Si e da consciência de Si – aqui convenientemente “reduzida” a *apercepção* da *apercepção* – se edificou.⁸⁰ A pedra de toque é a dor; os extremos de dor visceral foram a dor da fome e a dor fantasma (do membro fantasma, amputado ou congenitamente amélico); hoje seriam, talvez, o *angor pectoris* (a angina de peito, em regra dor de esforço) ou a dor do enfarte do miocárdio (tipicamente retro-esternal com irradiação local, sintomas gerais, etc.). As dores viscerais, na sua “gritante” ou pungente in-objectividade, manifestam-se pelos seguintes fenómenos característicos (ou experiências) e respectivos correlatos neurológicos:

Características sensoriais da dor visceral e alguns mecanismos (adap. de O. G. Cameron, <i>Visceral Sensory Neuroscience</i> , 2002: 209)	
Aspectos sensoriais (psicofísicos)	Aspectos neurobiológicos
Não evocada a partir de todas vísceras	Nem todas as vísceras têm receptores sensoriais
Não associada a lesão tecidual	Propriedades funcionais dos nervos sensoriais viscerais aferentes
Dor referida aos “tegumentos” corporais	Convergência viscero-somática em vias nervosas centrais
Dor difusa e mal localizada; divergência extensiva no Sistema Nervoso Central	Poucos “nervos” sensoriais viscerais aferentes
Amplificação intensa motora e autonómica	Essencialmente um sistema de alerta, como grande capacidade de resposta

- 31 Com fortes suportes em dados recentes da neurobiologia, interpreto o quadro supra, se bem o entendo, como a verificação empírica da origem corporal, carnal, pudenda, esplâncnica do fundo endotímico vital, do *proprium*, do sentimento de si.⁸¹ A narrativa histórica da valorização de um sexto sentido, isto é, de um sentido interno (o antigo *sensus sui* de Avicena) de Averróis, a Montalto⁸² e a Cabanis ou, pouco mais tarde, a Maine de Biran revela intermitências e esquecimentos, como também a atenção à “massa cenestésica” interoceptiva e proprioceptiva que jaz em cada organismo, em cada corpo, discutida por Leibniz, Reil, Hübner e outros.⁸³ Creio que esta união psicossomática sempre foi a doutrina tradicional hipocrático-galénica. Teve a sua grande cristalização (para utilizar a expressão de Hacking)⁸⁴ médica quando Pinel fixou a oposição físico/moral, que seria elevada a dogma pela medicina positivista, através da redução do moral ao físico (e da “abolição da metafísica”).

3.2.

- 32 Quanto a Leibniz, sabemo-lo, são as pequenas percepções que explicam a “harmonia pré-estabelecida entre alma e corpo e mesmo entre todas as mónadas ou substâncias simples”⁸⁵ e na sua “psicologia” (ou metapsicologia, se se preferir), as “percepções insensíveis têm uma importância tão grande na pneumática como os corpúsculos invisíveis na física”.⁸⁶

- 33 Porém, tópicos como irritação, dor, vigília, sono e sonho, tono, hiper-, hipo- e atonia, irritabilidade, *ictus*, espasmo, *crispatio*, paroxismo e convulsão, concupiscência e delíquio, delírio e vesânia, longevidade, degenerescência e senilidade, força, reacção, conflagração, incitabilidade, sensibilidade e contractilidade, etc., transportaram durante séculos, e acentuaram no barroco, a *negação metodista* do galenismo, da teoria humoral e das qualidades aristotélicas. Correlativamente, diversas ideologias, sistemas ou movimentos médicos, ditos solidistas, apoiados na anatomia, na iatromecânica e na medicina neometodista, fixaram o modo fibrilar ou fibroso de representação ou imagem do corpo, do reflexo, da reflexão como “operadores” e/ou determinantes do Si e, por extensão, do Eu (e do Não-Eu). Qual o seu impacto, se algum, no modelo pós-leibniziano do corpo (humano) e da mente?
- 34 Leibniz reconheceu, como entre outros Goethe, que “o que é dentro é o que é fora!”, um percurso sem fim como nas figuras de Escher que dissolve o “mito da interioridade”. A injunção ética maior de Leibniz, já referida – *Dic cur hic!* – é fundacional da psicologia moral e “clínica”.⁸⁷ Terá relação com a fórmula anti-zetética, enclausurada, das disciplinas judiciais, policiais e médicas: “A ti, que és louco, não pergunto pela verdade”!? Esta última seria de mui restrita aplicação para Leibniz porque a perda da razão ocorre principalmente na estupidez e não na loucura: com efeito nas poucas vezes que se pronunciou sobre a desrazão ou sobre a loucura, Leibniz fá-lo a partir das noções de *stultitia* (imbecilidade ou estupidez) e de *insania* (perturbação, loucura),⁸⁸ da *animae defectio* e da fragilidade de todos nós e cada um em particular. A sua demonstração invoca o *enthousiamos*, o *logos sympoticos*, o delíquio alcoólico, o sonho, as lágrimas de Eros, o delírio de grandeza.⁸⁹ Consequentemente defende a indicação terapêutica da palavra e da razão apenas em casos de insânia.
- 35 Persiste o enigma da acção voluntária e o mandamento da razão *Dic cur hic*. No canon do chamado dualismo cartesiano, o enigma formula-se como a determinação das condições de saber como um acto de vontade, inextenso e imaterial, pode fazer mover um corpo, um membro, extenso e material (por definição só pode ser movido por contacto antecedente com outro corpo móvel).⁹⁰ A solução talvez passe, leibnizianamente, por articular esta problemática com a tese de Etienne Gilson antes aludida: a reabilitação médico-filosófica da ideia de individuação (inevitável em medicina, direito, história, governação) deve ser associada à sua vocação e propriedade essencial de *orientar* (sic) a finalidade.⁹¹ E é nesta orientação estratégica que a medicina terá uma palavra funcionalista – para uns epifenomenista, para outros materialista –, pertinente. Termino com dois exemplos contrastantes que cobrem o ciclo de vida de Leibniz: uma obra pré-moderna de 1614 e precursora da neuropsiquiatria, a *Arquipatologia* de Filipe Montalto e a nosologia das “neuroses” de William Cullen.
- 36 A *Arquipatologia* é um notável tratado de neuropsiquiatria como se pode ver pela tábua de matérias, onde ressalta o valor inédito dado ao diagnóstico e tratamento da dor.⁹² Notavelmente, Filipe Montalto valoriza tanto a dor mental ou moral como a dor física (contra a tradição galénica), afirmando que “(...) É dos objectos que actividades e faculdades tiram a distinção. O prazer nasce do que é bom, a dor do que é mau. Ora, bem e mal são objecto de apetição e não da sensibilidade (*sensus*). Logo dor e prazer não são acidentes da faculdade que sente mas da apetição./ Depois, nas patologias do espírito, o juízo ou o sentido do bem ou do mal não são o (fruto do) prazer nem a própria dor, mas (de) a disposição (ou do affecto) concupiscível, consequente a essas cognições ou a paixões da vontade. Assim, pois, se há-de pensar em relação às patologias do corpo,

porque não é a própria percepção que cria o prazer ou a dor, mas a afecção resultante das funções de outra faculdade./ Além disso a dor é somente uma disposição simples. Mas sentir e estar triste são duas acções, mais, sensação e tristeza são diferentes em género. Portanto, um único sentido externo não pode produzir duas funções tão distintas. (...)”⁹³ Depois Montalto vai localizar a essência da dor na faculdade apetitiva, mas insiste que para a sua ocorrência há três requisitos: o sentido externo, uma actividade ou faculdade interna coextensa aos órgãos (oriunda da imaginativa ou da estimativa) e a tonalidade afectiva. Das novas indicações montaltianas são de sublinhar a leitura, a música, a terapia ou “apoio” psicológico, enfim, a auto-ajuda.

- 37 A classificação das doenças mentais do iluminista escocês, amigo de Hume, William Cullen serve-me para contraponto à prévia discussão. É uma nosologia que, note-se, favorece a ideia de autonomia das patologias mentais, o que não significa a sua independência do cérebro, ponto sobre o qual Cullen insiste em vários lugares (da *Fisiologia* à *Practice of Physic*). Das quatro Ordens (Comas, Adinamias, Espasmos e Vesânicas) a dos espasmos irá incluir um leque incrivelmente heterogéneo (para nós): tétano, convulsão, coreia, epilepsia, palpitações, asma, dispneia, coqueluche, pirose, cólica, cólera, diarreia, diabetes, histeria e hidrofobia.
- 38 Destes textos de Cullen deve concluir-se que o autor desenvolveu uma teoria própria ou “pessoal” da patologia mental, apoiada na famosa dualidade halleriana sensibilidade/fibra nervosa e contractilidade/fibra muscular. O *topos* estruturante desta classificação – e da medicina de Cullen – é a teoria da fibra nervosa; foi esta que se pôs entre o tempo de um Montalto e o de Cullen, gerando ontologias e nosologias médicas muito diversas na matéria (ou substância), no sentido e na (leitura da) forma do adoecer anímico ou mental?
- 39 Conjecturo que mais do que uma conversão da sensibilidade,⁹⁴ foi uma transformação na ordem da expressividade, como diz José Gil numa *observação* inspirada. Com efeito, num discurso acerca do rosto e da fisionomia, adverte:⁹⁵ “(...) Quanto *mais* expressividade há (quanto mais o interior se mostra) *menos* pregnantas são as estruturas e os traços físicos que se apagam no pano de fundo em proveito da atmosfera (...)” adiantando que aqui, as pequenas percepções não se juntam em macro-percepções mas sim em formas invisíveis, intensivas, em forças de forma(s).⁹⁶ Compreender-se-á agora o estatuto do pensamento fibrilar, a virtualidade da fibra na sua *potentia* excitante e irritante, contráctil e sensível. Trata-se de um princípio regulador, de um princípio da melhor acção,⁹⁷ quase uma forma interna: pois a forma e a re-acção, mais do que a força e a acção, são imanentes à (ideia de) fibra.
- 40 Voltemos agora ao sofrimento, à dor e à doença. Contra a opinião avisada de Montalto, Cullen e, depois dele, Pinel, opuseram-se à proposta de Sauvages de considerar a dor (mormente a dor crónica, como ensina Rosalyne Rey)⁹⁸ uma entidade nosológica de direito (ou seja uma *possível* doença), adoptando uma regra terapêutica “abstencionista”: paciência e flanela!⁹⁹ Cullen não elaborou um método geral de tratamento – o tratamento narrativo e moral – que por essa época recomeçara, depois da atitude intervencionista de “largo espectro” de um Montalto e que, ulteriormente, Pinel e outros, na Europa e nas Américas, consagraram. No entanto, contra Boerhaave e Haller, para Cullen o sistema nervoso (o cérebro) é a força que move (inconscientemente) as funções vitais e como tal deve ser sempre investigado na clínica médica e tido em conta na terapêutica. Em conformidade, explicitamente o define, na abertura da sua *Fisiologia* como um “corpo de doutrina, cujo objecto é expor as condições do corpo e da mente” (*mind*).¹⁰⁰ O que explicara a heterogeneidade da sua classificação das doenças nervosas de Ordem III,

espasmos à mistura com diarreia, asma e epilepsia (não fará sorrir senão os clínicos desatentos).

- 41 É lugar comum afirmar-se que, pela doutrina das pequenas percepções ou percepções confusas, Leibniz se antecipou à inferência inconsciente de Helmholtz¹⁰¹ e aos processos inconscientes freudianos. Adelino Cardoso, em *Vida e Percepção de Si*, refere a questão fundamental que o texto leibniziano suscita: a consciência de si é um “acto simples, que se esgota na actualidade da presença a si ou ela pressupõe o fluxo interminável de uma vida pensante inextricavelmente múltipla?” Para o fundador da Universidade de Berlim, insiste A. Cardoso, “o inconsciente é o modo de presença da vida no vivo”.¹⁰² Menciona que no dizer de Yves Zarka e outros, Locke, no cap. 27 dos *Ensaio*, põe em causa a relação entre substância e pensamento: a pessoa não tem essência, é uma *identidade dinâmica* – a ipseidade.¹⁰³ Adelino Cardoso, com engenho, apercebe-se que as pequenas percepções dizem mais do *Isso* que do inconsciente. Das memórias, conhecimentos e pensamentos implícitos.¹⁰⁴ Re-envia pois à *Cosa* ou *Id* de Groddeck, à passividade ou passibilidade originária de M. Henry (que foi aliás, um adversário esclarecido e consequente do freudismo e do psicanalismo). Sem querer entrar na análise e discussão da teoria do A *Interpretação dos Sonhos* nas suas variantes,¹⁰⁵ recorro apenas as instâncias do aparelho mental elemental, articuladas segundo relações de contiguidade ou semelhança, metonímicas ou metafóricas (a saber, fenómenos perceptivos, P; sistema mnésico, S1,2,...; inconsciente, Ics; Pre, preconsciente; M, instâncias motoras – tal como exibidos no, por demais conhecido, esquema das singularidades discretas do aparelho mental, sob fundo das envolventes das pequenas percepções e dos minúsculos acicates):

- 42 Em resumo, como de resto consta nas histórias da psicanálise, Leibniz não apenas estabeleceu a existência, actividade e importância de processos mentais *não* conscientes (pequenas percepções ou percepções confusas) como criou o termo dinâmica “importado” por Herbart e outros para a psiquiatria e as disciplinas da psique “profunda”.¹⁰⁶ A descoberta dos neurónios espelho¹⁰⁷ confirma e expande teorias como as de Damásio, F. Gil e M. Henry. Aumenta a capacidade de explicar os *mecanismos* (não o sentido singular) da experiência interna directa ou imediata, da empatia, do desejo, da mimese do desejo, isto é, a ligação do sentir(-se) ao reconhecimento da acção, da intenção e da emoção, em Si e no Outro; fica legitimada, portanto, a noção de passibilidade originária e de auto-afecção à maneira de Henry. Percebe-se agora que o argumento central é muito antigo, hipocrático ou mesmo anterior:¹⁰⁸ “(...) o mundo da vigília é homogéneo ao mundo do sonho e compõe com ele ‘as folhas de um mesmo livro’; existe uma realidade em si,

totalmente alheia à representação, a que temos acesso, a vontade: o seu modo de doação é o nosso corpo (...).¹⁰⁹ A primeira premissa foi expressa recentemente, quase nos mesmos termos, por Allan Hobson, o neurofisiologista do sonho. O que re-envia à proposta de Fernando Gil, de que numa teoria do proto-Si (proto-self) ou do Si não se pode escamotear a questão vital da possibilidade (o adjectivo e o determinativo são meus) de adesão a Si e da auto-estima (talvez fosse mais correcto dizer, da auto-afecção).¹¹⁰

- 43 Devemos, então, *cum grano salis*, enunciar uma contradição ou polaridade fundamental aqui deduzida (Leibniz... é bom para pensar):
- 44 **M.** A maioria dos fenómenos anímicos (do Si, da mente) são não-conscientes (sub-simbólicos, proto-simbólicos, pré-verbais, não reflexivos, não-téticos);
- 45 **m.** O corpo, o organismo, sabe sem saber que sabe;
- 46 ∴ Logo, o indivíduo (o sujeito, o agente, a pessoa) é bi-lógico, ambi-valente: máquina divina. Tal resultado parece ser compatível e convergente com a teoria monadológica.¹¹¹

4. Conclusão

- 47 Tentei neste trabalho tornar inteligível e interessante a filosofia de Leibniz para um médico de finais do séc. XX, obviamente com paixão pelas ciências biomédicas, como Leibniz que incitava os filósofos a “medicinar” e os médicos a filosofar. Segui lições de Truesdell e de Weyl. Vi que a permanência da necessidade dos princípios, seja apenas pelo seu valor heurístico (o princípio da simplicidade ou perfeição ou o princípio arquimedianos da simetria, tão caro à *Gestalt* e a van Frassen, complementado pelo da polaridade, tão caro a Goethe) ou o da razão suficiente (cujo uso por Leibniz, na controvérsia com Clarke e Newton, Weyl verbera, por erro fáctico); já os princípios da continuidade e da analogia têm uma intervenção soberana na teoria atómica.¹¹² Justificam a abertura das ciências a instâncias e a objectidades quasi-transcendentais, como dizia F. Gil (vd esquema infra)?

Aristóteles	Formas substanciais imanentes
Platão	Ideias transcendentais
Ciência moderna	Lei natural (~quasi-transcendentais, F Gil)

- 48 Na verdade, para Leibniz, como mostrou brilhantemente Gilles Chatelet, “(...) La force n’est plus cette flèche collée à un point matériel et n’ayant de cesse de le repousser. La force reçue en plein fouet est simplement à mettre sur le compte d’un point de vue partiel et part qui n’est que le châtimeur d’une monade impatiente devant la processivité. (...) La théorie leibnizienne de l’équivalence de l’abstraction et de la force réveille comme une *matière sensible* dans la géométrie (...)”.¹¹³ E a análise não-standard (de A. Robinson), o infinito, o divino? – “(...) O sensível e o imaginário, o existente e o possível, o finito e o infinito, tudo enche, tudo inunda, tudo estende: e até onde? Até onde não há onde: sem termo, sem limite, sem horizontes em fim, e por isso incapaz de circunferência.” (...) “A figura mais perfeita e mais capaz de quantas inventou a natureza, e conhece a geometria, é o círculo. Circular é o globo da Terra, circulares as esferas celestes, circular toda esta máquina do universo, que por isso se chama orbe, e até o mesmo Deus, se sendo espírito, pudera ter figura, não haveria de ter outra senão a circular”.¹¹⁴ José Gil, cuja formação de base é a matemática, produziu estudos incomparáveis sobre fenomenologia e antropologia do corpo e sobre a infralíngua (ou, digo eu, do estrato subsimbólico), estudos

que exigem grande cultura estética e maturidade reflexiva, pela amplitude e “intimidade” do seu discurso. Aí nos ensina que “(...) porque há um corpo e um mundo-para-o-corpo; e porque o infinito do sentido deve ser dado em cada ocasião de linguagem e de acção a fim de garantir a sua consistência (impedindo a hemorragia de uma semiose ilimitada), constituem-se também linguagens não verbais que fecham o círculo do sentido deixando livre a sua infinitude: assim só um infinito actual é dado (expresso) pela linguagem e pelo sistema de signos não-verbais (...)”.¹¹⁵ Matéria infinita, corpo sensível, *signato* e *pecans*, o lenho plástico e expressivo no qual todos e cada um de nós arde e esfria, goza e sofre, sobe e cai.

NOTAS

1. Bernardino Orio de Miguel, *Leibniz, Crítica de la razón simbólica*. Granada, Nova Leibniz, 2011 (com reconhecimento ao autor).
2. Acerca da fermentação e da química, vd M. S. Marques, “A pedra parideira e a panaceia universal: Robert Boyle e a constituição da ciência instrumental”, 2012a, <http://www.leibniz.es/A%20pedra.pdf> Seminário da “Acção Integrada Hispano-Lusa. El surgimiento de la ciencia moderna en Europa: G.W. Leibniz” (também em *Kairós*, 2012); J Calado, *Haja Luz, História da Química e de Tudo o Resto*, IST, 2011 e M. Hunter, Boyle, *Between Science and God*, New Haven, Yale University Press, 2009.
3. Alguns dos quais me têm ocupado desde há anos, nas “margens” do estudo da obra e do pensamento de Fernando Gil (mormente *Tratado da Evidência*, Lisboa, IN/CM, 1995 e *Modos da Evidência*, Lisboa, IN/CM, 1998) e nos “intervalos” de uma clínica hemato-oncológica; vd. por exemplo M. S. Marques, “O sopro, o múltiplo e a forma”, *Análise*, 12: 61-115, 1989, *Auto-regulação/Equilíbrio*, in *Enciclopédia Einaudi*, vol. 34, 2000a: 399-441 e *Aprendizagem*, *ibidem*: 2000b: 357-398; e mais recentemente, o breve ensaio de epistemologia e ontologia histórica: Marques, “A febre, a fibra e o espasmo”, in AA VV, *Arte Médica e Imagem do Corpo. De Hipócrates ao final do Séc. XVIII*, Lisboa, BNP, pp. 137-157, 2010, aprofundado e justificado em Marques, (2013a) “Malhas que o Corpo Tece, Excurso da medicina de José Pinto de Azeredo”, in A.B. Oliveira, M.S. Marques (Eds.), José Pinto de Azeredo, *Ensaio sobre Algumas Enfermidades de Angola*, Lisboa, Coibri, 2013, pp. 213-261.
4. H. Driesch, *Philosophie de l'Organisme*. Paris, M. Rivière, 1921 (¹1909).
5. Fiz uma revisão ao tema em M. S. Marques, *A Segunda Navegação. Aspectos clínicos da Ética na dor oncológica*, Permyer, Portugal, 2003.
6. Driesch, *Metafísica*, Barcelona, 1930 (¹1924): 36, 54, 114, *passim*.
7. E diz que essa amaurose se deve a erros categoriais acerca das noções de essência e de substância. Mas uso, contexto e posteridade da teoria da substância estão aí, mesmo que os ignoremos, na regularidade da paisagem e da natureza – seus ciclos, metamorfoses e, até, suas catástrofes – de tal modo que parecem justificar uma variedade fraca e formal de essencialismo. Étienne Gilson, *D'Aristôte à Darwin et Retour*, France, Vrin, 1971. Vide sobre estes temas M. S. Marques, 2000a.
8. Acerca do corpuscularismo M.S. Marques, *cit.*, 2012a.

9. Mesmo nesta acepção restritiva, orgânica, somática, a literatura é imensa e variada. Saliento dois clássicos : Ch. Le Brun, *L'Expression des Passions et autres conférences et Correspondence*, France, Dédale, 1994 e K. Bühler. *Teoria de la expresión*. Madrid, Alianza, 1980 (¹1933).
10. I. Hacking, *The Scientific Reason*, Taiwan, University Press, 2009. A articulação destas estruturas ou “fibrados” com as diversas modalidades históricas de objectividade (da natural, à experimental, da mecanicista à judicativa, etc.) ficará para outra ocasião (L. Daston, P. Galison, *Objectivité*, Bruxelles, Les Presses du Réel, 2012/¹2007).
11. Além dos trabalhos como os de Canguilhem, Koyré e Blumenberg, bem conhecidos, registo dois exercícios, um visando a época imediatamente anterior à que me ocupa: K. Harries, *Infinity and Perspective*, Cambridge, Mass, MIT, 2001 e outro, aquele mesmo período: S. Gaukrover, *The Collapse of Mechanism and the Rise of Sensibility, Science and the Shaping of Modernity, 1680-1760*, Oxford, 2010.
12. Leibniz em carta a Elizabeth de 1678 afirma que “De même tous ceux qui ont appris quelque peu de Métaphysique débutent d’abord par la Démonstration de l’Existence de Dieu et de l’immortalité de nos âmes (...). Je suis venu à ces matières après avoir préparé l’esprit par des recherches très exactes en ces sciences sévères qui sont la pierre de touche de nos pensés. (...)” (in J. Velarde Lombraña: “Teoria de los requisitos en Leibniz”, comunicação no CHC, Lisboa, 13-14 Jan 2012). Os principais argumentos externos que me levam a responder categoricamente pela positiva vêm da... fisiologia analítica aplicada ao vivo, a diversas escalas, da célula (podia dizer hoje do gene) ao sistema (q.v. vários tipos de fractalidade e/ou “envolvimento do infinito no finito” em Marques, 2000a e 2000b) e da lição da matemática: “The progress of mathematics may be viewed as a movement from the infinite to the finite. At the start, the possibilities of a theory, for example of the theory of enumeration, appear boundless. Rules for the enumeration of sets subject to various conditions appear to obey an indefinite variety of recursions and seem to lead to a bounty of generating functions. We are naively led to conjecture that the class of enumerable objects is infinite and unclassifiable. / As cases pile up, however, patterns begin to emerge (...)” Gian-Carlo Rota, *Indiscrete Thoughts*, Boston, Birkhäuser, 1997: 214 (com gratidão ao meu filho Gonçalo Marques).
13. Cp. Hacking, cit.: 106; trabalhos modelo sobre o tema, no âmbito da construção da ciência pré-moderna e moderna, são S. Shapin, S. Shaffer, *Leviathan and the Air-Pump. Hobbes, Boyle and the Experimental Life*. Princeton, 1985, R. Knoeff, *Herman Boerhaave (1668-1738): Calvinist Chemist and Physician*, Royal Neederlands Academy of Sciences, 2002 e D. B. Meli: *Mechanism, Experiment and Disease. Marcello Malpighi and Seventeenth-Century Anatomy*. Baltimore, Johns Hopkins, 2011 (com gratidão a F. Duchesneau pela referência).
14. C. Truesdell, *Ensayos de Historia de la Mecánica*, Tecnos, Madrid, 1975 (¹1968).
15. Hermann Weyl, *Philosophy of mathematics and natural science*. Princeton, Princeton University Press, 1929 (¹2009).
16. *Monadologia* § 64. “Assim cada corpo orgânico de vivente é uma espécie de Máquina divina ou de Autómato natural, excedendo infinitamente todos os autómatos artificiais, porquanto uma máquina feita pela arte do homem não é uma máquina em cada uma das suas partes. (...)”; § 78. Estes princípios permitiram-me explicar naturalmente a união, ou melhor, a conformidade da alma e do corpo orgânico. A alma segue as suas próprias leis, e o corpo também as suas, e ambas se ajustam devido à harmonia pré-estabelecida entre todas as substâncias, pois todas elas são representações de um só universo.”
17. C. Truesdell, cit.: 91, 98.
18. *Ibidem*: 297f.
19. *Ibidem*: 101.
20. *Ibidem*: 107. A p. 129ff comenta a expedição de Maupertuis e o princípio do mínimo (de acção).
21. Assim ao lado e fora da mecânica de Newton, desenvolveram-se outras áreas científicas: nomeadamente, a Estática (por exemplo, o paralelograma de forças e as leis das alavancas e a

teoria do trabalho virtual, desde os peripatéticos a Descartes e Lagrange), a investigação do efeito das forças de contacto e a Dinâmica (o princípio da Energia, de que o caso *restrito* foi determinado por Huygens e desenvolvido e publicado por Leibniz, em 1686) e o princípio da força inercial (atribuído menos apropriadamente a Newton e devido a D'Alembert) Truesdell, *Ibidem*: 143ff.

22. Hermann Weyl, *Philosophy of mathematics and natural science*. Princeton, Princeton University Press, 1929 (2009).

23. Weyl, *cit.*: p. 179 e nota 11.

24. A. Cardoso, M. I. Ferreira (eds.), *Correspondência entre G.W. Leibniz e Lady Masham*. CFUL, 2012: 91.

25. Vide Jean Armogathe, *La Nature du Monde. Science Nouvelle et Exegèse au XVII siècle*. Paris, PUF, 2007: como da perfeição do círculo, da finitude e incorruptibilidade do mundo e da transubstanciação se passou, com os modernos, incluindo os da medicina, à incrível geometrização dos Cosmos.

26. H. Weyl, *Philosophy of mathematics and natural science* de, N. Jersey, Princeton University Press, 1949/2009 (ed. Frank Wilczek) (¹1926): 178 Weyl refere: Leibniz a Arnauld, *Phil. Schr.*, II: 58; a Bernoulli, *Math. Schr.*, III: 538 e Leibniz a Volder, *id.*, II: 262e 264).

27. G. Chatellet, *Les enjeux du mobile*. Paris, Seuil, 1993: 62.

28. Justin E. H. Smith, *Divine Machines. Leibniz and the Sciences of Life*. New Jersey, Princeton University Press, 2011, pp. 100, 120, 132 passim; J.E.H. Smith “The Body-Machine in Leibniz’s early Physiological and Medical Writings. A Selection of Texts with Commentary”. *The Leibniz Rev.* 2007, 17: 141-179: 161.

29. Haller, “Acerca da origem mecânica dos monstros”, in A. Cardoso, P.F. da Costa (Eds.). *Corpo, Poesia e Afecto em Albrecht von Haller*. Lisboa, 2010:71-80 (cf a discussão, já não muito recente, da morfogénese em Marques, 1989, *cit.*, onde sigo a topobiologia de G. Edelman e enfrento alguns dos magníficos desafios de R. Thom).

30. Guido Giglioni, “As forças da vida segundo Albrecht von Haller”, in A. Cardoso, P.F. da Costa (Eds.), *cit.*, 2010:13-26: 21ff.

31. Juan Nicolás, “Dimensión vitalista de la Ontología leibniziana”, In J. A. Nicolás, Sergio Toledo (Eds.) *Leibniz y las ciencias empíricas*. Granada, Comares, 2011: 71-91: 84, 91; *Hacia una Ontología de la Individualidad Sistémica*. Comunicação à reunião da Acção Integrada Hispano-Portuguesa, III Jorn. Leibniz, 2011.

32. Réplique IX: “Que la végétation, la nutrition, la propagation naissent de la structure et du mouvement de la machine, la Réponse le considère comme une pure et simple assertion sans démonstration. (...) En effet, on doit présumer que tout ce qui arrive dans et par le corps, arrive mécaniquement, c’est-à-dire par grandeur, figure et mouvement, sauf à prouver le contraire, c’est-à-dire, à montrer que cela dépasse la nature de la matière. (...)” in Stahl-Leibniz: *Controverse Sur la Vie, L’Organisme et le Mixte*. Paris, Vrin, 2004 (trad. e notas de Sara Carvallo): 109 (retirei re-envios de Leibniz e notas da trad.). Acerca da sensibilidade uma obra de referência é Gaukrover, *cit.*

33. M. S. Marques, “A Analogia e a ideia de clínica”, in *O Espelho Declinado*, Lisboa, Colibri, 1999: 39-130; ¹1994, *Análise*, 17. Tentei “aplicar” o programa “neo-estruturalista” (desenvolvido por Levy Strauss, G. Lloyd, Eco, Ginzburg, etc.) às ciências clínicas.

34. “(...) ii: Il insiste souvent sur la différence entre le mécanisme et l’organisme, bien qu’a vrai dire, tout l’organisme soit en fait un mécanisme, mais plus raffiné et, pour le dire ainsi, plus divin. On peut dire, comme je l’ai déjà noté, que les corps organiques naturels sont en réalité des machines divines. iii: C’est pourquoi je n’admettrais pas l’assertion qu’il défend pour montrer la présence au sein de l’organisme, d’un élément totalement étranger au mécanisme. Et je ne voudrais pas non plus renverser le célèbre décret des Modernes qui posent, à juste titre, que rien n’arrive dans le corps si ce n’est par des raisons mécaniques, et par conséquent intelligibles (...)”,

in Stahl-Leibniz, *Controverse Sur la Vie, L'Organisme et le Mixte*. Paris, Vrin, 2004 (trad. e notas de Sara Carvallo): 85 (retirei re-envios de Leibniz e notas da trad.)

35. “(...) L’analogie de la flamme, qui persévère à se conserver, se nourrit et se propage, et que l’on peut comparer avec l’animal (...). Sans même parler de la force et du mouvement tonique (qui, à mon avis, n’est rien d’autre que l’exercice de la force élastique) qu’on constate naître du mouvement des éléments environnants, on sait par l’expérience de la pompe pneumatique, que sous pression de l’air ambiant, le sang et la plupart des autres liqueurs se maintiennent dans la consistance qui leur convient (...)”, in Stahl-Leibniz: cit. : 109.

36. Guido Giglioni, 2010, cit.: 17; cp. Giglioni, “Automata Compared. Boyle, Leibniz and the debate on the notion of life and mind”. *BJHP*, 1995,3, 2:250-278.

37. “(...) The foundation of natural perception as an original vital function rests on the self-representative structure of substance: substance, being intimately pervaded by its own perceptive faculty, is the idea through which it knows itself and its causes and effects. (...)” Glisson, *De Natura Substantiae Energetica*, cit. por G. Giglioni, *The Genesis of Francis Glisson Philosophy of Life*, PhD Thesis, 2002: 125. É relevante investigar a eventual proximidade às noções de signo e código (à maneira de Juan Poinset ou de São Tomas, 1589-1644) e, ao princípio do melhor (ou do mínimo) (quanto a este, não o descortinei em G. Giglioni, op. cit., nem em S. Hildebrandt, A. Tromba, *The Parsimonious Universe*, N. York, Springer, 1996, nem em A. Fitas, *O Princípio da Menor Acção*, s/l, Caleidoscópio, 2012).

38. A. Cardoso: “Percursos da individualidade: do indivíduo ao sujeito”, in *Vida e Percepção de si*. Lisboa, Colibri, 2008: 71-91.

39. Guido Giglioni. *The Genesis of Francis Glisson Philosophy of Life*, PhD Thesis, 2002: 125 (e G. Giglioni refere *De Natura Substantiae Energetica*, p. 90 e *Ibid.*, “*Epistola ad lectorem*”, sigg. b2v-b3r, c3v).

40. F. Hoffmann, *Fundamentos da Medicina*, 1695, Livro 2. Patologia médica – “Cap. 1: Das doenças em geral e das suas causas (...) Cap. 5: Das doenças originadas pela circulação sanguínea desigual ou difícil. 1. A circunstância mais importante da vida e da saúde reside na circulação do sangue. Aqui portanto devemos procurar a origem de muitas doenças. (...)” (in R. French, Ed, *History of Medicine Readings*, Penguin Books, 1971) (minha trad.); também A. Pichot, *Histoire de la notion de Vie*. France, Gallimard, 1993: 502s.

41. Paul Hoffmann, *Corps et Cœur dans la Pensée des Lumières*. Presses Universitaires de Strasbourg, 2000: 56.

42. *Ibidem*: 69, 78.

43. R. Knoeff, 2002, cit.

44. A. N. Ribeiro Sanches, *Método para Aprender e Estudar Medicina*, ¹1758, in *Obras*, I, Coimbra, 1966: 72f e 87f.

45. Mostração e/ou demonstração e não prova, sublinha R. French (cit.: 125), na sua breve apresentação de Hoffmann.

46. cp. Hacking, cit.: 118 *passim*. Reenvio para o notável conjunto de ensaios de historiografia das ciências modernas, em F. Gil (Org), cit., 1999.

47. Th. Pardieu, *The limits of self. Immunology and Biological Identity*. Oxford, Oxford University Press, 2012. H. Maturana, F. Varela, *Autopoiesis and Cognition*. Dordrecht, Reidel, 1980.

48. J. Smith, cit., 2007: 163.

49. R. L. Gregory, *Mind in Science. A history of explanation in Psychology and Physics*. London, Weidenfeld, 1981: 204f.

50. Estudada por mim, *inter alia*, em Marques, 2010, cit.

51. George S. Rousseau, “Nerves, Spirits and Fibers: Towards defining the Origins of Sensibility”, in *Nervous Acts*, NY, Pallgrave, 2004: 177.

52. G. Colli: *Philosophie de l'Expression*. France, Éclat, 1983 (¹1969), Trata-se de um primeiro e hesitante passo; *Leibniz segundo a Expressão* de A. Cardoso, impõe-se como um grande passo seguinte.
53. “(...) par expression, on entend ici une représentation à laquelle on aurait retiré le rapport de perspective d'un objet selon un sujet et que l'on considère donc comme quelque chose de simple ; précisément en tant que dévoilement d'une autre représentation ou d'une autre nature/ On a dit précédemment que l'expression renvoie à un inconnu, mais cet inconnu à son tour peut se révéler l'expression d'un inconnu ultérieur (...)” (*Ibidem*: 31f).
54. *Ibidem*: 33.
55. M. S. Marques, 2002a.
56. Colli, *cit.*: 33.
57. Leibniz, *Monadologia*, #78. Cp. #79: “As almas actuam por apetições, fins e meios, segundo as leis das causas finais. Os corpos, segundo as leis das causas eficientes ou dos movimentos. E ambos os reinos, o das causas eficientes e o das finais são harmónicos entre si.”
58. Stahl-Leibniz, *cit.*: 73. É adequado mencionar que esta tese foi absorvida pela psicologia de W. Wundt (M. S. Marques, *Wundt, ciência e ausência*, 2013b, em preparação).
59. *Ibidem*. São as questões do argumento teleológico, da finalidade e do desígnio e, simetricamente, da causalidade, designadamente, da causalidade horizontal (ou mecânica) entre entidades de um mesmo nível de realidade.
60. E. Cassirer, *Substance and Function*, N. York, Dover, 1953, 1923: 226f.
61. Para os requisitos vd Velarde, *cit.*: 2012.
62. A fronteira entre a iatroquímica e a iatromecânica está longe de ser estática e estanque: Sylvius (François de la Bøe) e van Helmont influenciaram o pensamento de Thomas Willis que Guyénot (como repete Canguilhem) valoriza. G. Canguilhem, *La formation de la Théorie du Reflexe aux XVII^e et XVIII^e siècles*, PUF, 1955: 57; E. Guyénot, *Les Sciences de la vie aux XVII^e et XVIII^e siècles, L'idée d'Évolution*, Albin Michel, 1957: 153.
63. Contra o canon convencional, não é verdade que “the experimental and corpuscularian physiology of the ‘mechanical’ harveians were the only plausible and inteligible alternative to the medical tradition”, nem é verdade que as “naturalistic and hylozoistic reinterpretations of the medical tradition were simply a blind alley with no future developments” (sigo Guido Giglioni, *The Genesis of Francis Glisson's Philosophy of Life*, PhD Dissertation, Baltimore, 2002:170).
64. N. Stenon: *Discours sur l'anatomie du cerveau*. Paris, Granier, 2009 (trad. e notas R. Andrault): 81, 87 *passim*.
65. Acerca do diverso e vital significado fisiológico e clínico das glândulas – dos órgãos glandulares e parenquimatosos, as pequenas máquinas (secretoras de matérias, imagens e ideias!) – vd José Pinto de Azeredo, *Oração de Sapiência e Tratado Anatômico*, 1791-1799 (Mss 1126, BPCP), Eds., Júlio Costa et alii. (em preparação), pp. 165ss; Meli, *cit.*, 2011: 77, 90, 125 *passim*. Cp F. Duchesneau, *Les Modèles du Vivant de Descartes à Leibniz*, Vrin, 1998: 184f.
66. Veja-se uma recente discussão da analogia, do mecanismo e da racionalidade médica clínica em P. Thagard, *How Doctors Explain Disease*, Princeton, Princeton University Press, 1999 (pp. 107, 111 discussão de causas e mecanismos em biomedicina e ciência).
67. Stafford, B.M.: *Body Criticism. Imaging the Unseen in the Enlightenment Art and Medicine*. Massachussets, MIT Press, 1993 (¹1991); Meli, *cit.*: 150, 158.
68. Meli, *cit.*: 357.
69. G. Canguilhem, *cit.*: 83. Significativamente, recorde, Willis era um dos membros do círculo oxoniense de Boyle, e é a ele que se atribui a descoberta do movimento reflexo.
70. G. Canguilhem, *cit.*: 47,51.
71. *Ibidem*: 50ff ; Meli, *cit.*: 73, 120, *passim*.
72. Herder, *Du Connaître et du Sentir de l'Âme Humaine*, Paris, Allia, 1778/2012, pp. 12,29 *passim* (destacam-se, obviamente, repetidas menções à filosofia de Leibniz e à fisiologia de Haller).

73. Leibniz, *Da Reminiscência e da Reflexão da Mente sobre si Mesmo*, trad. Nuno Ferro, Cadernos, CEF, UNL, 2008: 33-5; Esquirol, *De la Lypémanie ou mélancolie*. Toulouse, Privat, 1820/1977 (prés. P. Fédida, J. Postel): 99.
74. Um apontamento sobre a filiação do tópico na história da psicanálise. Dieter Wyss, o discípulo de Viktor von Weizsaecker, chamou a atenção para a afinidade entre o par tensão/distensão e o par prazer/desprazer, em Freud; ora Wundt foi igualmente capturado pelas sequelas dos espasmos e das convulsões ao equacionar a lógica e a quantificação das sensações com a tensão muscular (Wyss, *Depth Psychology. A critical history*. G. Britain, A. Unwin, 1966/1961, p. 474).
75. Leibniz, *Monadologia* § 25: “Vejamos, também, como a natureza deu percepções distintas aos animais, pelos cuidados havidos em dotá-los com órgãos, que conjuguem vários raios de luz ou várias ondulações de ar para os tornar mais eficazes pela sua união. Algo existe com-semelhante no cheiro, no gosto, no tacto e talvez em muitos outros sentidos por nós desconhecidos. (...)”.
76. Ian Hacking, “Minding the Brain”, in *New York Rev Books*, June 24, 2004 (E-mail Single Page Print Share).
77. Leibniz, *Confessio...*, in Olaso, cit.: 125 ; Cp Leibniz, *NE*: II, 11 (p. 95) e Arnauld Pelletier “Leibniz et la Folie”, *Philosophie*, 103: 26-50, 2001.
78. *NE*, Prefácio: 29. É proveitosa a leitura de José Gil, *A Imagem Nua e as Pequenas Percepções*, Lisboa, Relógio de Água, 1996.
79. *NE*: 112. Repare-se que a excitação causa a irritação: uma formulação perfeita é a de Herder, 1778/2013, p. 13ff.
80. Rosen, cit.: 199, 205 passim, Vd também John Locke, *Identité et Différence. L'invention de la Conscience*, (org. E. Balibar), France Seuil, 1998, em particular o glossário. Nota: os médicos antigos inseriam, na explicação da patologia mental, a noção de pecado, remorso e espinho ou espinha irritativa, esta uma designação eloquente e popular (que a geração do autor ainda conhece).
81. Acolho e “aplico” lições de Barahona Fernandes, ideias de A. Damásio e a teoria henryana da autoafecção (M. Henry, *Généalogie de la Psychanalyse*, Paris, PUF, 1985).
82. Filipe Montalto Lusitano, autor da *Arquipatologia*, foi um médico judeu português, de Castelo Branco, que fugido da sanha persecutória da Inquisição, peregrinou pela Europa e chegou físico particular de Maria de Médicis, rainha de França.
83. *Massa cenestésica* (de cenestesia, termo que provém do grego *koiné* e significa o conjunto ou a comunidade das sensações/percepções internas introceptivas e proprioceptivas – por contraste com as exteroceptivas): retiro a designação de Pigeaud, 2001, pp. 192ff, onde são estudados Reil e Hübner. (Para uma sinopse recente da relação introcepção-emoção sugiro Oliver G. Cameron, *Visceral Sensory Neuroscience*. Oxford, Oxford University Press, 2002; D. Heller-Roasen, *The Inner Touch*, NY, Zone Books, 2009: 179, 193, passim). A revalorização por António Damásio da *passibilidade* e dos marcadores viscero-somáticos – a auto-afecção segundo de Michel Henry (1985) ou o sentimento de si segundo Fernando Gil (1995, cit.) – nomeadamente na produção do *proto-self*, não requer mais destaque.
84. Hacking, 2011, cit.
85. *NE*: 30.
86. *Ibidem*: 31.
87. A. Pelletier, cit.
88. Pelletier, cit.: 28.
89. Pelletier, cit.: 49: Cp M. S. Marques, (2013c) O Delíquio e o Delírio nas cartas de Freud a Fliess, 1887-1902. 9 Nov 2012. Colóquio Internacional *Pulsão, Afecto e Inconsciente*. Lisboa, UNL, CHC, 8 e 9 Nov 2012 (para publicar).
90. Hans Jonas, cit.: p. 72.
91. E. Gilson, cit.: 206, 191, 161n.
92. Sirvo-me de materiais gentilmente cedidos por Adelino Cardoso e Guido Giglioni por ocasião das lições no CHC em Out 2012 2 de 22-23 Fev 2013, respectivamente. Anoto que a *História da*

Psiquiatria de Alexander e Selznick é omissa em relação a F. Montalto Lusitano e um historiador tão erudito, exigente e escrupuloso, como Jean Starobinsky, no seu dilatado *L'Encre de la Mélancholie* (reunião de obras editadas em 2012, France, Seuil), também não o menciona.

93. Agradeço a Adelino Cardoso a oferta de fragmentos da tradução da *Arquipatologia* de Montalto.

94. Gaukrover, cit.

95. E, cumpre acrescentar, da prioridade do reconhecimento sobre o conhecimento e do princípio da *máxima entropia* de Jaynes em teoria da informação e da percepção (*pattern recognition*)...

96. José Gil, cit., 1996: 54f.

97. Revejam-se referências da nota 36.

98. R. Rey, *Histoire de la Douleur*, Paris, La Découverte, 2000: 115.

99. *Ibidem*: 125.

100. Na tradução portuguesa da Fisiologia de Francisco José de Paula, Lx. 1790; cp. J.P. Wright, “Substance versus Function dualism in Eighteen-Century Medicine”, in J.P. Wright and P. Potter, *Psyche and Soma*, Oxford, 2000: 237-254; p.251.

101. Gregory, 1981, cit.: 362ff.

102. Cardoso, *Vida e Percepção de Si*, Lisboa, Colibri, 2010: 95. Perspectiva tornada célebre como o problema do Inconsciente, que entrou nas ciências e na “medicina do espírito” pela obra de veia psico-biológica de Edward von Hartmann, *Filosofia do Inconsciente* em 1869 (vide Marques, 2013b, cit, e *Antifreudismo*, 2014, para publicar).

103. *Ibidem*, cit.: 97.

104. É o vasto campo do conhecimento tácito ou pessoal de Michael Polanyi e do conhecimento implícito dos neuro-psicólogos.

105. Freud, *A Interpretação dos Sonhos*, Rio de Janeiro, Imago 1999 (¹1969; 1899). É bem sabido que o neurofisiologista Alan Hobson tem criticado activamente a teoria de Freud, mas cada vez mais aproxima os processos cognitivos e de pensamento do *daydreaming* e do devaneio...

106. H. F. Ellenberger, *The Discovery of Unconscious*. NY, Basic Books, 1970: 289, 312; a pp. 624, 628 o autor adverte que a escola de Adler se inspirou mais directamente na filosofia de Leibniz e p. 721 indica que a *sincronicidade* de Jung se abeira da harmonia pré-estabelecida. Acerca da historiografia da dor no Barroco, vd .R. Rey, cit.

107. G. Rizzolati, C. Sinigaglia, *Les Neurones Mirroirs*, Paris, Odile Jacob, 2008.

108. MS Marques, *O Sonho Patognomónico: nota histórica em torno da evidência do sonho*. In F. Gil et al. (Eds) *O Processo da Crença*. Lisboa, Gradiva, 2004, pp. 141-170.

109. Henry, 1985, cit.: 162,163; cp. p. 167: «(...) C'est l'apparaître *sui generis* de la volonté que fait d'elle et peut seule faire d'elle la réalité (...)».

110. F. Gil, 1998, p. 47.

111. A premissa maior opõe-se, como mostro noutra lugar, às estruturas de base da psicologia experimental de Wundt (Marques, cit., 2013b) mas conduz às da psicologia analítica de Freud; cf Wyss, cit., ¹1961/1966.

112. Weyl, cit.: 158, 160,1 61, respectivamente.

113. G. Chatellet, 1993, cit.: 62-63.

114. Pe. António Vieira. “Sermão de Nossa Senhora do Ó”, in *Sermões*, vol. IV: 207 e 210 respectivamente (pref. e rev. Pe. Gonçalo Alves), Porto, Lello.

115. José Gil, 1996, cit.: 98.

RESUMOS

Este breve ensaio é uma reacção a perguntas de Bernardino Orió de Miguel. As perguntas que fecham *Leibniz, Crítica de la razón simbólica* são: “porque há analogias de analogias *in infinitum*?” e, para o filósofo da harmonia pré-estabelecida, “a *expressão*, que liga todos os níveis, terá sido apenas um compromisso socialmente correcto que oculta a noção do símbolo?”. Examinarei algumas das suas implicações para a noção actual de organismo, sob a forma de documentação preliminar ao estudo de mónadas, forças, fibras, ictos e suas expressões. Dados os constrangimentos de espaço, concentro-me em duas questões: que significou o mecanismo, na sua diversidade, para Leibniz e alguns médicos do séculos XVII e XVIII; que significou a invenção do conceito de organismo pelo autor da *Monadologia*, na perspectiva das relações entre corpo, espírito e alma? Interessado no mergulho do infinito no finito, concluo com um apontamento acerca da teoria da doença mental na proto-modernidade.

This brief essay is a response to Bernardino Orió de Miguel's questions; the questions that close *Leibniz, Crítica de la razón simbólica*: “why are there analogies of analogies *in infinitum*?” and considering the philosophy of pre-established harmony, “is the *expression* that connects different levels merely a socially acceptable compromise that conceals the meaning of the symbol?” I will examine some of the implications of the current understanding of the organism as a whole, looking at the preliminary documentation and study of monads, strength, fibers, *ictus* and their expressions. Because of time constraints, I will concentrate on two issues: the significance of the mechanism, in all its diversity, for Leibniz and some 17th and 18th century doctors and the relevance of the introduction of the concept of the organism, by the author of *Monadologia*, especially when considered within the context of the inter-relationship between body, spirit and soul. As it is interesting to transfer this probing into the infinite to a finite context, I will conclude with a note about the theory of mental illness in proto-modernity.

ÍNDICE

Keywords: mechanism, organism, Leibniz, monad, fiber

Palavras-chave: mecanismo, organismo, Leibniz, mónada, fibra

AUTOR

MANUEL SILVÉRIO MARQUES

Investigador do CFUL.

Médico hematologista do IPO aposentado. Investigador do Centro de Filosofia da FLUL. Foi professor extraordinário convidado da FMUL de História das Ideias em Medicina e de História da medicina e pertenceu à equipa que estruturou estas disciplinas na abertura da UBI, no âmbito da cadeira Arte Médica. Líder de Projecto de investigação da Obra médica de José Pinto de Azeredo, médico iluminista luso-brasileiro. Autor de uma vasta bibliografia, nomeadamente de *O Espelho*

Declinado. Natureza e Legitimação do Acto Médico (1999).

Retired Hematologist at IPO. Researcher of the Center of Philosophy of the University of Lisbon. He was Adjunct Professor of History of Ideas in Medicine and of the History of Medicine at FMUL, and belonged to the team which organized these subjects as part of the course on Medical Art, in the beginning of UBI. He is Principal Investigator of the research project on the medical work by José Pinto de Azeredo, a Luso-Brazilian Doctor of the Enlightenment. Among numerous other works, he is the author of *O Espelho Declinado. Natureza e Legitimação do Acto Médico* (1999).